

Unidade Curricular: Atelier de Audiovisual I
Docente: Pedro Flores
Ano Letivo: 2019/2020
Trabalho realizado por: Lara Fraga Duarte – A92126

Análise Fílmica de “Hunger” (2008) de Steve McQueen



Introdução

“Hunger” é um filme realizado por Steve McQueen, em dois mil e oito. É baseado na história real de um membro do Exército Republicano Irlandês, Bobby Sands, de vinte e sete anos, que em mil novecentos e oitenta e um, na prisão Maze, situada no norte da Irlanda, se recusou a comer, como forma de desacordo com a medida tomada pelo governo britânico de retirar o estatuto de “preso político” aos paramilitares que estivessem presos.

Bobby Sands inicia, então, uma greve de fome como forma de protesto, ele e mais paramilitares presos protestavam as medidas do governo, não comendo e resistindo de forma violenta às tentativas, por parte dos guardas, de lhes conceder o direito às necessidades básicas higiénicas. Este não era o seu primeiro protesto, já havia feito greve higiénica, durante quatro anos, recusando-se a tomar banho.

O filme inicia-se com um homem, Raymond Lohan, guarda prisional a colocar as suas mãos com os punhos feridos em água. De seguida, Davey Gillen, prestes a ser preso, entra na sua cela e a falta de higiene é a primeira coisa que salta à vista. A comida que não comiam, as sobras, era posta num canto, as suas necessidades eram espalhadas pela parede e atiradas por baixo da porta para o corredor e, ainda, a única peça que tinham para se aquecer era uma manta, não tendo acesso a qualquer outro tipo de vestuário. Com as recusas dos prisioneiros, que lutavam para não cumprir as regras de higiene e muitos deles para comer, os polícias eram obrigados a bater violentamente neles, para que eles se acalmassem e não aleijassem também os trabalhadores da prisão.

Dominic Moran, um padre amigo de Bobby Sands, visita-o, e, é durante a sua conversa que Bobby anuncia a sua intenção de iniciar outro protesto, a derradeira greve de fome. O padre, como seu amigo, pressionou-o para que não o fizesse, pois para além de a sua vida ficar em risco, estaria a por a vida de outros prisioneiros em risco também. Sands continuou firme e argumentou de forma a que Dominic não pudesse rebater.

Inicia-se a greve de fome e o filme vai mostrando a evolução do estado de saúde de Bobby. São visíveis imensas feridas provocadas pela falta de hidratação e nutrição, pequenos buracos na pele, que se encontrava completamente seca e a escamar, resultado que atingiu também os lábios e o interior do nariz. Para além das feridas, o estado de fraqueza do prisioneiro era notável, estava demasiado magro, viam-se os ossos, estava bastante pálido e mal se aguentava em pé. As imagens finais do filme mostram de forma magnífica e também horrífica as mazelas no corpo de Sands, mas igualmente a sua determinação para com o protesto, o que acabou por levá-lo à morte.

Este filme tem imagens extremamente fortes. A falta de condições, que os prisioneiros acabavam por proporcionar a eles próprios era terrível, a alimentação era deplorável, todavia e tendo em conta que se encontravam presos o expectável não eram condições confortáveis.

Em termos de construção cinematográfica, este filme destaca-se a nível de personagens, sendo que é possível descrevê-las no que diz respeito à personalidade, maioritariamente, refletida nas suas reações/expressões e atitudes. O som é outro dos destaques do filme. A análise de cada um destes conceitos será baseada em cenas de todo o filme.

Personagens

Bobby Sands, interpretado pelo ator Michael Fassbender, é o protagonista do filme, apesar de aparecer apenas a partir do minuto 00:26:57, é ele quem lidera todo o protesto no filme abordado. A sua primeira aparição acontece numa cena em que os guardas o arrastam, com bastante dificuldade, devido à resistência por ele apresentada, para o que podemos considerar de uma espécie de balneário presidiário. Lá cortam-lhe o cabelo e a barba à força e empurram-no para a banheira cheia de água onde, com uma vassoura, o esfregam. A luta dele é tanta que acaba por fazer com que os guardas sejam ainda mais agressivos.



Sands é um homem determinado para com a sua causa, orgulhoso e demonstra afeto pela sua família, não lhes dizendo o que estava realmente a planear fazer, de modo a não preocupá-los. Era um homem religioso, demonstrando isso através dos seus conhecimentos bíblicos na conversa com o seu amigo padre Dominic Moran. Tinha um filho pelo qual o seu amor era também demonstrado, não de forma emotiva nem afetuosa, mas pelas suas reações quando referiam o seu nome, onde simplesmente se calava e baixava a cabeça. Cena observável na conversa que teve com o padre, onde o visitante se referiu ao seu filho, na esperança que Bobby desistisse do protesto.



Cada medida adotada para o bem “estar” dos prisioneiros, funcionando como uma tentativa de paz para com eles, onde eram oferecidas roupas, banhos regulares, camas, etc. Todas elas eram levadas como desafios e representavam, para Bobby, uma afronta e mais um motivo para cumprir o seu objetivo.

A sua determinação e orgulho em relação às suas causas foram o que o levaram à morte. Estava tão decidido a desafiar o governo que dava a vida para que o ouvissem, queria ver cumpridos os seus objetivos nem que para isso a arriscasse.



Passou de um homem saudável, dentro dos possíveis que se pode estar numa prisão, a uma pessoa desnutrida, sem qualquer tipo de força física. Embora continuasse forte nas suas convicções, seguindo determinado a manter o seu protesto por falta de resultados.

De tão teimoso que era recusava a comida que lhe punham à disposição, quando, devido à extrema falta de saúde, foi transferido para a ala de enfermagem prisional. A sua determinação, teimosia e orgulho resultaram na sua morte devido à falta de nutrientes no corpo.



Stuart Graham atua no papel de **Raymond Lohan**, um guarda prisional. Na primeira cena em que aparece, pela sua expressão facial parece perturbado, assustado e em dor. Nesta cena está a molhar os punhos completamente feridos, em água, onde pelo som se entende como sendo um ato doloroso.



Antes de sair de casa, denota-se um comportamento obsessivo em que Lohan parece de certa forma preocupado, mas também paranoico ao espreitar por debaixo do seu carro, antes de entrar, na tentativa de verificar se havia algum tipo de explosivo, entende-se, por esta cena, que este comportamento é habitual dele, o que pode ser explicado pela sua profissão de risco. Havia também momentos em que demonstrava um alto nível de stress e nervosismo, muitas vezes expressos pelo vício de roer as unhas.

Ao chegar às instalações da prisão a sua expressão muda, apenas, numa tentativa de parecer integrado, quando está com os colegas a contar umas piadas, e é aí, então, onde esboça um sorriso. Mais tarde, à hora de almoço, o seu comportamento obsessivo/paranoico denota-se novamente quando o guarda está sozinho no seu lugar e começa a embrulhar detalhadamente o papel alumínio, onde teria estado a sua refeição, enquanto mastigava. Todos os seus colegas estavam num ambiente mais descontraído mas Lohan parecia inquieto e muito concentrado na tarefa da dobragem.

É na cena do banho forçado e violento de Bobby, que se entende o porquê de Raymond ter os punhos completamente feridos. Ele esmurrava os prisioneiros, de forma a fazê-los ceder e perder as forças por momentos. Nessa cena Lohan esmurra Bobby e, logo de seguida ao banho dele, vai colocar as mãos em água.



Na cena da visita ao lar em que a sua mãe se encontrava, Raymond apresenta-se muito carinhoso e atencioso para com ela e dado ao seu estado (da mãe), encontrava-se também triste e desiludido. Nesta cena ele é morto por sujeito com um tiro na nuca, caindo de imediato no colo de sua mãe. É aqui que se consegue entender o porque das suas atitudes e emoções, sendo que na verdade sempre havia alguém a persegui-lo e com intenções de o magoar, e, ainda mais, toda a tristeza, frustração e desilusão pelo estado de saúde da sua mãe.



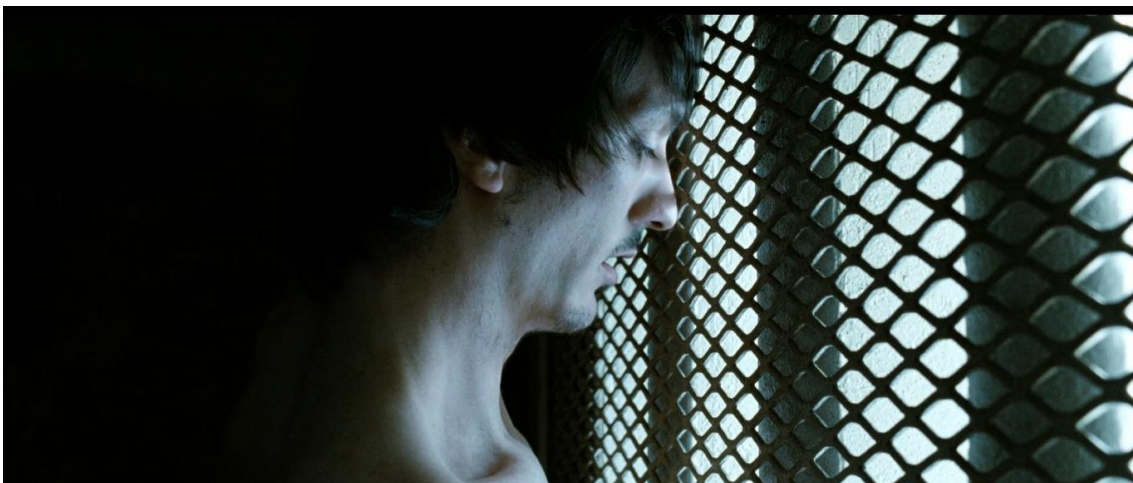
Davey Gillen, personagem interpretada pelo ator Brian Miligan, é um paramilitar recém-chegado à prisão. A primeira impressão que deixa sua é a sua coragem e determinação, mas também, de certa forma a sua obediência. Nesta cena exige continuar com as suas roupas e fica em pé, durante alguns segundos, à espera de reposta por parte dos guardas, que não imitiram nem um som, com isto Davey viu-se obrigado a retirar todas as suas roupas, ainda que contrariado.

Gillen apresenta-se, então resistente para com os guardas, corajoso, determinado, detentor dos seus valores e princípios, mas, também, como um individuo frágil. Tinha uma namorada, que pelas suas atitudes e emoções, era o seu bem precioso. Era ainda dos únicos prisioneiros que prestava atenção e realmente queria ir às “missas” realizadas dentro recinto para os presos. No meio da balbúrdia que era a suposta “missa”, onde todos aproveitavam para conversar com outros sujeitos, Davey mostrava-se atento e interessado no que era dito, o que fazia dele um homem religioso, um homem com fé. Esta parte religiosa de Gillen também era visível na sua cela, onde, de vez em quando, lia a Bíblia.



Para além da crença em Deus, Gillen era um dos apoiantes da causa de Bobby Sands, como o seu companheiro de cela, Gerry Campbell, que mal Davey chegou, o tentou integrar nos planos que estavam para se realizar naquela prisão e os seus objetivos. Esta crença no protesto de Sands é notável na cena em que os prisioneiros são retirados das celas, à força, para fazer uma limpeza e dar-lhes o mínimo de condições para poderem permanecer enquanto estivessem presos. Gillen protesta e luta com os guardas, agarrando-se às grades com imensa força e a berrar. Quando são postos de novo nas celas, já limpas e arrumadas, Gillen e todos os outros prisioneiros, irritados com a afronta dos polícias destroem tudo, viram os beliches, espetam-nos contra as paredes, rasgam as roupas que lhes tinham dado e gritam de forma revoltada e indignada. Isto pode querer dizer que Davey era uma pessoa de objetivos e convicções fortes, como Bobby, e quando o desafiavam se podia tornar numa pessoa violenta e agressiva, fazendo de tudo para atingir os meios.

Há ainda uma cena em que se pode ter uma pequena perceção do gosto pela liberdade por parte da personagem, claramente nenhum dos prisioneiros gosta de estar encarcerado, todavia Davey demonstra um certo gosto pelo ar da liberdade e pela natureza.



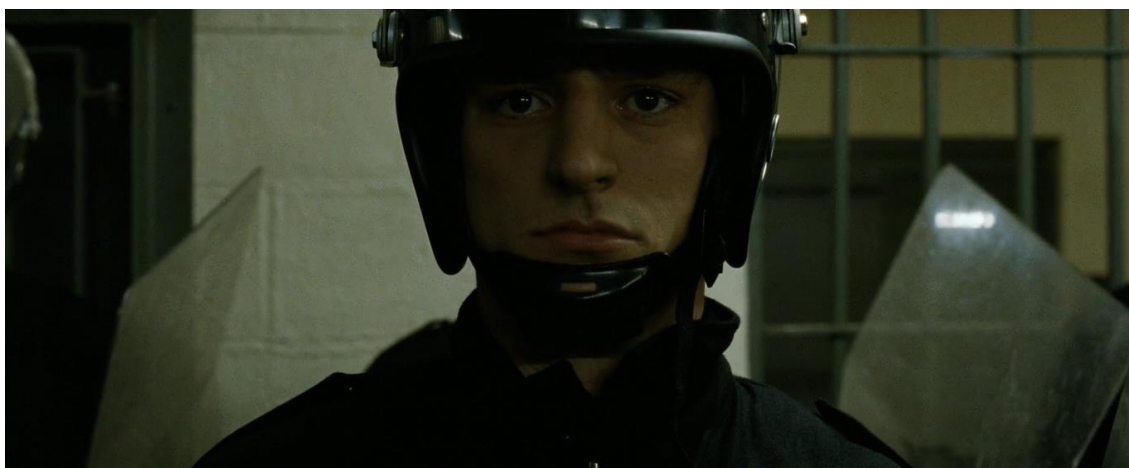
Ben Peel interpreta o papel de **Riot Prison**, um agente da força especial. Esta personagem aparece num curto período do filme e em nenhuma das cenas em que está tem qualquer tipo de fala. Porém é a personagem que mais é representado pelas expressões faciais e atitudes.

Riot é chamado, em conjunto com a sua equipa, à prisão para ajudar os guardas que lá trabalham a controlar e, de certa forma, para os castigar depois de terem destruído as celas que tinham sido arrumadas e limpas. Já na carrinha Prison era o que se encontrava com um ar mais sério e assustado, enquanto os seus colegas estão com ar descontraído e entusiasmado.



É perceptível que Riot é uma pessoa, que apesar da profissão que exerce, não se sente bem em “maltratar” os outros. Apresenta uma postura demasiado tensa, demonstrando desconforto, nervosismo, stress e inquietação para com a situação.

Os agentes entram na prisão e equipam-se com aparelhos de proteção e também com bastões para atingir os prisioneiros caso eles tentassem fugir, se atirassem aos guardas e/ou tentassem algo arriscado para os profissionais. Quando se alinham Prison mantém a expressão tensa da carrinha e mantém sempre um ar sério e preocupado, parece até que a cada momento pode desmaiar.



Quando começam a trazer os prisioneiros, o desconforto e a inquietação de Riot aumenta à medida que a violência, tanto dos guardas como dos prisioneiros, aumenta. A cada bastonada que um prisioneiro levava, o seu batimento cardíaco parecia aumentar também.

Riot Prison denota uma postura intensa, na medida em que, pela sua compostura e pelo seu olhar sério e carregado, parece um homem de coragem, um homem forte, um homem frio e insensível, o homem correto para a profissão. Contudo as suas expressões, atitudes e olhar, se o virmos de perto, transparecem um homem cheio de medos, sensível, frustrado, claramente infeliz e desconfortável.

Nesta mesma cena de retiro dos presos das respetivas celas, os guardas atingem violentamente os sujeitos e Riot parece meio atarantado sem saber o que fazer, parece completamente desamparado, assustado e escandalizado com o que via. No decorrer da cena há um prisioneiro que desafia um dos guardas e Prison é obrigado a intervir, agredindo o individuo continuamente com imensa força e violência, imitando sons de raiva. Riot continua a agredir o prisioneiro com tanta agressividade que o sujeito cede e para de tentar defender-se. Quando cai em si novamente, para de imediato e em choque olha para o bastão. Todos os sentimentos que ele sentia foram transformados em raiva e ódio e, naquele momento, o agente viu uma oportunidade de descarregar tudo aquilo.



Após este episódio de raiva Riot foi para a casa de banho e chorou. Chorou devido a toda a crueldade que via, todos os dias, devido ao dever que tinha, e à violência que tinha exercido numa pessoa que não tinha culpa nenhuma do que se passava com ele e nem fazia sequer ideia do que lhe ia na cabeça. Na sequência desta cena de choro é notável que o agente se escondia a chorar, triste, frustrado, assustado e ansioso com o que tinha feito e com o que se estava ainda a passar, sendo que do outro lado os atos de violência eram cada vez mais cruéis e desumanos. Riot Prison apresentou-se como sendo uma personagem instável emocionalmente e sem qualquer tipo de controlo face às situações em que se encontrava.





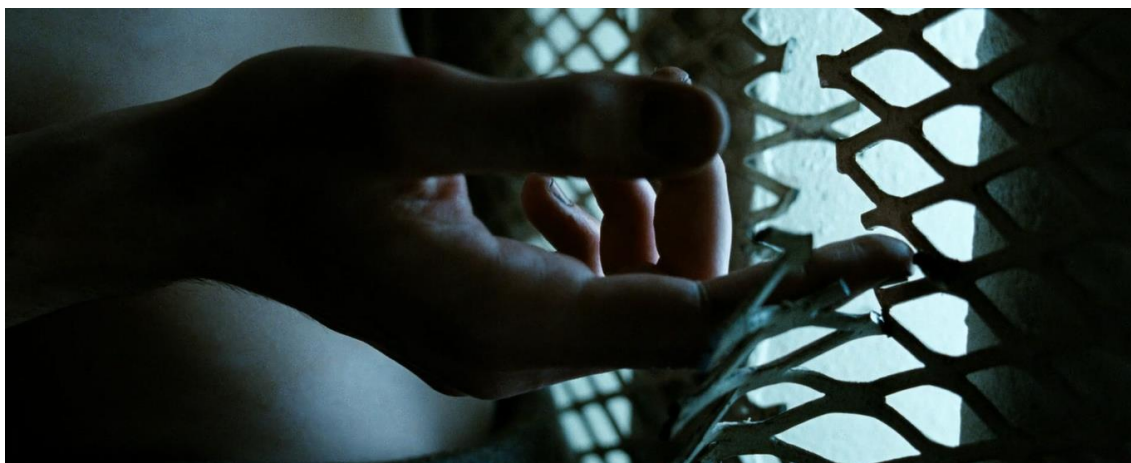
Som

Neste filme o som é um dos fatores mais importantes, na medida em que não tem banda sonora, as únicas músicas que o constituem são as melodias de um violino e de um piano, tocadas numa cena no meio do filme e na parte final, nos créditos, respetivamente. O facto de o filme não possuir banda sonora faz com que os momentos de silêncio sejam bastante importantes e que os diálogos, movimentos ou até gestos das personagens tenham uma maior importância no contexto cinematográfico.

Como não possui banda sonora os efeitos do som no filme são quase todos produzidos pelas personagens, ou pelas ações das personagens ou por objetos. Sendo, então, o filme constituído, maioritariamente, por som diegético. Neste caso em concreto, os sons tem bastante impacto, na medida em que se consegue realmente entender o ambiente em que as personagens estão, consegue-se sentir o clima, a tensão no ar, consegue-se sentir o estremecer de uma parede quando uma cadeira embate nela. O objetivo do realizador ao produzir um filme sem música é fazer com os sentimentos das personagens e os seus receios transparecessem para o público de forma tão real que o fizesse sentir como se fosse ele próprio um prisioneiro naquela mesma prisão, isto é, torna os sentimentos das personagens nos sentimentos do público.

Por exemplo, nas cenas finais do filme, Bobby está numa situação frágil de saúde, em que é normal a respiração estar mais lenta e ter uma tonalidade mais elevada, o som aproximamos do seu condicionamento respiratório, à medida que o tom da respiração se eleva o som do filme eleva-se também. Mais uma vez aqui a aproximação dos movimentos respiratórios da personagem fazem o público oscilar com ele e sentir a sua dor, acabando por fazer com que as pessoas se identifiquem com ela.

Num filme sem qualquer tipo de música, o silêncio torna-se uma fonte de concentração, sendo que tudo que está a ocorrer naquele momento tem importância e tudo é observado pelo público ao maior detalhe. Por exemplo, na cena em que Davey Gillen está na grade a olhar para o lado de fora, está tudo silencioso, o que faz com o que o público fique à espera do propósito da cena, fique à espera do que vai acontecer. Tanta concentração leva-nos a reparar em coisas que não teríamos reparado com música. Nesta cena precisamente, damos por nós a reparar no tamanho e formato da mosca que Gillen está a tentar pegar, no formato das unhas da personagem, a sujidade que as envolve, o formato do buraco da cela, etc. A simplicidade sonora torna a cena visual bem mais complexa, tendo em conta que tudo pode ser importante, tudo pode querer dizer algo, tudo pode ser uma pista para uma futura cena.



Há ainda o impacto dos sons de atos banais no meio do silêncio, atos estes que no dia-a-dia não prestamos tanta atenção. Na cena em que um dos guardas está a limpar o chão do corredor entre as celas, o impacto do som do rodo a esfregar no chão, é ainda maior pelo facto de não haver barulhos de fundo, nem música, nem burburinho, não há mais nenhum barulho a não ser o polícia a limpar o chão, seguido dos seus passos, que são completamente abafados pelo barulho principal. Aqui percebemos o quão incomodativo é este barulho e ainda mais pelo facto de esta cena demorar alguns minutos, ouvindo-se apenas o rodo a passar pelo chão e a água indo à sua frente. Para além da percepção do barulho, a percepção visual mais uma vez é mais ampla, fazendo o público reparar na estrutura das portas das celas, no chão, no tamanho das poças que estão no chão, na roupa que o guarda está a utilizar, que tipo de calçado está a usar para limpar o chão, entre outros.



Como o filme se baseia no silêncio torna-se mais difícil perceber a história, a recolha de informações sobre a vida de cada personagem e os seus objetivos. É aí que entra o diálogo. Apesar de este filme não ser muito rico em diálogos, os que existem, cumprem perfeitamente as suas funções informadoras do público.

É com o diálogo que nos é dada uma contextualização da história por detrás do filme. Na cena da conversa de Bobby Sands com o padre Dominic Moran são referidos os objetivos do protagonista e os respetivos motivos. Este diálogo confere-nos também bastantes características de ambas as personagens, através do tom de voz e do conteúdo do que está a ser falado por cada uma. Temos o exemplo, durante esta conversa, quando o padre Dominic se exalta e acaba por falar num tom mais alto e agressivo com Bobby, fazendo-o ver os perigos que corria caso levasse para a frente o protesto que tinha em mente. Aqui consegue ver-se que Moran se encontra num estado de preocupação maior, como se estivesse sob pressão, porque sabia que era a sua última oportunidade de ajudar Bobby, e este não estava a querer ouvir.

Contudo este não foi o único diálogo do filme, houve ainda alguns diálogos curtos pelo meio que foram dando informações sobre as personagens. Temos novamente o exemplo de Bobby Sands, onde, a partir da conversa com os pais dele, o público se apercebe que ele tem um filho pequeno. Há também o curtíssimo diálogo de Raymond Lohan, que em conjunto com as imagens, nos dá a entender que a sua mãe está internada num lar em estado crítico. Aqui durante conversa é, igualmente, perceptível a evolução do estado de espírito do guarda prisional. Através da tonalidade da sua voz e da sua expressão facial foi possível observar a passagem de um tom alegre para um tom mais infeliz e desiludido pelo silêncio da mãe para com ele.

Conclusão

Para além de ser baseado em factos verídicos este filme faz com que nos pareça real quando o vemos, no sentido de que as nossas emoções se encontram à flor da pele, o que as personagens sentem nós estamos a sentir, o que eles ouvem nós estamos a ouvir. É indiscutível o facto de as personagens terem um papel fulcral na interpretação do filme e na sua própria tradução, elas transparecem-nos tudo acerca delas, mesmo não o dizendo.

Toda a impetuosidade e imparcialidade do filme, as imagens fortes, os barulhos intensos, os diálogos curtos, a vivacidade do silêncio, tornam-no num filme em que nada parece ficção, é tudo tão real que os sentimentos parecem demasiado reais.

Pela genialidade de todos os profissionais envolvidos na produção e realização deste filme, ele recebeu numerosos prémios em variados festivais, como, os Óscars, o Festival de Veneza, BAFTA, entre outros.